

07 – Convergências entre marxismo e anarquismo

As convergências entre anarquistas e marxistas na prática existiram, mas sempre terminaram com as tentativas dos marxistas de liquidar os anarquistas, politicamente ou fisicamente. Parece que os marxistas são incapazes de imaginar uma atividade comum com anarquistas sem tentar enganar, manipular – ou liquidá-los fisicamente. Os ativistas da minha geração que viveram nos anos 60 e 70 lembram-se dessas discussões onde os trotskistas ou os maoístas nos disseram: “Vocês, anarquistas, quando fizermos a revolução, vocês serão os primeiros que executaremos...”

O caso da aliança entre o movimento Makhnovista e o Exército Vermelho é, sem dúvida, o mais típico. O exército insurgente makhnovista foi chamado para o resgate e, quando o perigo acabou, os bolcheviques voltaram-se contra ele. O fato de o exército makhnovista ter salvado a revolução em outubro de 1919 não redundou em qualquer gratidão para com os anarquistas... Quando as tropas de Denikin chegaram aos portões de Moscou, foi de fato o exército makhnovista que atacou a retaguarda de Denikin e as suas fontes de suprimentos forçando-o a recuar¹. Sabemos com que ferocidade Trotski, então líder do Exército Vermelho, começou a liquidar os makhnovistas. Esse é o tipo de “afinidade revolucionária” a ser esperada dos bolcheviques.

Os anarquistas, por outro lado, nunca hesitaram em se aliar aos comunistas contra a reação – como foi o caso precisamente da Ucrânia. Eles nunca confundiram os inimigos. Bakunin já havia dito aos trabalhadores eslavos da Áustria que não se empenhassem em partidos nacionalistas eslavos, e os aconselhou fortemente, por falta de melhor, a se unirem ao Partido Social-Democrata austríaco que, pelo menos, tinha uma base de classe.

Se é necessário buscar convergências entre as duas correntes, estas não se encontram no campo da realidade dos fatos, mas no da teoria. De fato, existe uma relação muito próxima entre anarquismo e marxismo em sua respectiva formação como teoria, mas em geral nem os anarquistas, nem especialmente os marxistas estão realmente dispostos a reconhecer o fato. Desenvolver esse ponto exigiria muito tempo, então vou resumir.

07-1 Stirner

Até 1845, Marx apoiava entusiasticamente o humanismo do filósofo alemão Feuerbach, que Bakunin também conhecia muito bem. É o humanismo inspirado de Feuerbach que predomina no pensamento de Marx. Por um breve período, ele falará entusiasticamente sobre “grandes ações”, “descobertas daquele que deu uma base filosófica ao socialismo”. Assim, pode-se ler nos Manuscritos de 1844 que “o comunismo não é, como tal, o objetivo do desenvolvimento humano”, significando que o objetivo é o Homem (implícito: não a classe trabalho). Em outras palavras, é totalmente o oposto do pensamento de maturidade de Marx, para o qual o objetivo do desenvolvimento humano é o comunismo, o proletariado.

Em 1845, Max Stirner publicou *O Único e sua Propriedade*, um trabalho que está na linha direta do pós-hegelianismo, e que conseguiu passar pela

¹ Marcel Body, então trabalhando para a Internacional Comunista, nos disse que todos os oficiais bolcheviques tinham recebido ordens para fazer suas malas e se preparar para fugir em caso de sucesso do ataque de Denikin.

censura porque os censores não entenderam nada e, eu diria, muitas outras pessoas também. Com Feuerbach, Marx pensa que a filosofia vem da teologia, que ela é a religião realizada. Mas no momento em que Marx se esforça para mostrar que a supressão da filosofia é a realização da filosofia (veja os *Manuscritos de 44*), Stirner mostra que “a filosofia só pode se desenvolver verdadeiramente até o fim e se realizar como teologia, o lugar de sua batalha final” – em outras palavras, a filosofia é apenas um avatar da religião. Stirner mostra que o homem genérico é apenas uma nova forma do divino, que ele apenas reproduz a moralidade cristã; a filosofia, diz ele, é uma mentira: seu papel é socialmente religioso².

Foi uma verdadeira ducha fria. A situação tornou-se inquietante para Marx. Com efeito, Stirner acabava por consolidar para si mesmo um importante espaço nos círculos intelectuais alemães que Marx queria conquistar para o comunismo. Para piorar a situação, o próprio Engels sucumbiu às teses do Stirner. Em 19 de novembro de 1844, ele escreveu a Marx, seu novo amigo, uma carta na qual o informava que Stirner, seu antigo companheiro do *Doktorclub*, acabava de publicar um livro que fazia muito barulho no círculo dos jovens hegelianos. Stirner é definido por Engels como “o mais talentoso, autônomo e corajoso do grupo dos Homens Livres”. Foi necessário que Marx se zangasse para que Engels voltasse a ter sentimentos melhores ...

A crítica stirneriana de Feuerbach produzirá frutos, mas o questionamento do “ser genérico” de Feuerbach, como o do comunismo, estará na raiz do ódio feroz de Marx por Stirner. Marx rejeitará estes conceitos cujo idealismo é demasiado aparente: o “homem total”, o “humanismo real”, o “ser genérico”, etc. Marx mudou radicalmente sua abordagem do problema do comunismo, não sem ter exorcizado seus demônios juvenis contra Stirner na *Ideologia alemã*.

O *Único e sua propriedade* teve um papel decisivo³ na ruptura epistemológica de Marx. Não é sem razão que a *Ideologia alemã* dedica 300 páginas a atacar um autor que todos os marxistas afirmam ser de nenhum interesse (“Max Stirner é um autor de quem falamos ocasionalmente, mas que não se lê mais”).

Feuerbach afirmou a identidade da consciência e do autoconhecimento de Deus. A espécie humana dá a Deus atributos dos quais ela mesma é investida: amor, vontade, sabedoria. Feuerbach, diz Marx, permitiu que o homem se reapropriasse de formas que ele atribuía a um ser genérico. Ao mesmo tempo, ele mostra que o Absoluto dos filósofos é apenas o refúgio da divindade. A religião, diz-se, é apenas um produto da consciência humana. Essa ideia, comum a toda a esquerda hegeliana, é atribuída a Feuerbach, que, segundo Marx, introduziu uma “grande revolução no pensamento”. Segundo o jovem Marx, é Feuerbach quem teria posto fim à crítica da religião, condição de toda crítica política. Ele fundou o “verdadeiro materialismo e a verdadeira ciência, fazendo corretamente da relação social do ‘homem para o homem’ o princípio fundamental da teoria”⁴.

A religião é uma ilusão, diz Feuerbach, mas é uma ilusão necessária: “O progresso histórico das religiões consiste no fato de que as últimas consideram como subjetivo ou humano o que as primeiras contemplavam,

2 Esta questão é mais desenvolvida em *Lire Stirner*, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article291>

3 Eu disse que Stirner não era um anarquista, mas eu o incluí em minhas observações para se adequar aos costumes.

4 Marx, *Ébauche d'une critique de l'économie politique*, Pléiade, Économie, II, p. 121.

adoravam como divinas”. É o homem que cria a Deus. Feuerbach não procurará destruir o cristianismo, mas sim cumpri-lo.

É precisamente sobre essa questão que a maior parte da crítica de Stirner a Feuerbach está centrada, uma crítica que resultou em Marx finalmente se distanciando do autor de *A Essência do Cristianismo*.

A maioria dos autores marxistas sente, no entanto, que um problema permanece sem solução, mas sua incapacidade de entender o papel desempenhado pela crítica de Stirner os deixa em um impasse ... o que é normal, já que eles não lêem Stirner! Eles acabaram de ler o que Marx disse sobre Stirner. Ainda assim, Stirner deu em Marx um pontapé (filosófico) na bunda.

07-2 Proudhon

Segundo dizem: Proudhon era um autor pequeno burguês que não entendia nada de economia política, e assim por diante. É provavelmente por isso que Besancenot & Löwy não se referem a ele. E ainda, no registro “afinidades” e “convergências”, havia muito a dizer. O problema é que essas “convergências” não vão na direção certa: elas vão na direção Proudhon → Marx.

Houve um tempo em que Marx teve Proudhon em alta estima. Mesmo no início da década de 1840, em Paris, houve uma competição quase cômica entre dois emigrantes alemães que se odiavam, mas competiam para inculcar os rudimentos da filosofia hegeliana em Proudhon: Karl Grün e Karl Marx. Proudhon destacou com algum humor que, dos vinte doutores alemães em Filosofia que ele conhecia, nem dois deles se entendiam. Mas para Proudhon, como para todos os pensadores socialistas franceses, Hegel não era seu filósofo de predileção. Até mesmo Bakunin não conseguiu convertê-lo. Isso não impediu Grün de conceder a Proudhon o título de “Feuerbach francês”, do qual este último ficou muito orgulhoso (por algum tempo), antes de remover qualquer referência a Hegel na segunda edição de seu *Sistema de Contradições Econômicas*.

Segundo Grün, Proudhon teria assimilado o melhor da filosofia alemã. Ao mesmo tempo, Marx também elogiou o francês que foi apresentado em *A Sagrada Família* (publicado em janeiro de 1845, assinado em conjunto por Marx e Engels) como “o escritor socialista mais lógico e mais penetrante”. Este trabalho contém um elogio vibrante a Proudhon, que é reconhecido como o mestre do socialismo científico, o pai das teorias do valor-trabalho e da mais-valia, e assim por diante.

Proudhon então representa “o proletariado que alcançou a autoconsciência”. Ele “submete as bases da economia política, da propriedade privada, ao exame crítico:”. “Submete a base da economia política, da propriedade privada a um exame crítico: é o primeiro exame resoluto, implacável e científico ao mesmo tempo. Este é o grande progresso científico que ele fez, um progresso que revoluciona a economia política e torna possível, pela primeira vez, uma verdadeira ciência da economia política⁵.” Proudhon mostrou que “não é este ou algum tipo de propriedade privada - como outros economistas alegam - mas a propriedade como tal, em sua universalidade, que distorce as relações econômicas. Ele tem feito tudo o que a crítica da economia política poderia fazer, mantendo-se dentro da perspectiva da economia política”.

A Ideologia Alemã (1846) refere-se à dialética serial de Proudhon como “uma tentativa de dar um método pelo qual o pensamento independente é substituído pela operação do pensamento” - o que quer que isso signifique.

⁵ Marx, Pléiade, Philosophie, p. 454.

Quando Proudhon perdeu esse status invejável e se tornou um autor “pequeno-burguês”, Marx declarou que ele próprio fora responsável pela “sofisticação” de Proudhon, no sentido de que os ingleses ouviram essa palavra, de falsificação de uma mercadoria.

É claro que a influência de Proudhon na formação do pensamento de Marx não é unanimemente reconhecida, longe disso. No entanto, alguns autores afirmam que sim. “Marx não seria possível sem Proudhon”, diz Georges Gurvitch. Maximilian Rubel, por sua vez, escreve: “Proudhon exerceu sobre Marx uma influência constante. Foi como discípulo e continuador de Proudhon que ele empreendeu em 1844 o que se tornaria a tarefa exclusiva de sua existência [...]. O mestre desapontou, mas ele continua sendo um instigador.”⁶

Marx não deixaria de elogiar as “obras penetrantes de Proudhon”⁷ e o descreveu como “o mais audacioso pensador do socialismo francês”⁸. Para Engels o trabalho de Proudhon *O Que é a Propriedade?* foi “por parte dos comunistas, o trabalho filosófico em língua francesa”.

Falando de doutrinas comunistas, ele escreve que “o escritor mais importante neste campo é Proudhon, um jovem que, um ano ou dois atrás, publicou seu livro, *O Que é a Propriedade?* (...) Isto é, “dos comunistas, a obra filosófica em língua francesa”.

Segundo Georges Gurvitch, Marx atribui a Proudhon “um papel idêntico ao desempenhado por Sieyes na preparação da Revolução Francesa. Segundo ele, o que Sieyes disse sobre o terceiro estado, Proudhon exprimiu pelo proletariado: ‘O que é o proletariado? Nada. O que ele quer se tornar? Tudo’. Marx está certo? Digamos sem hesitação: sim, e ainda mais do que ele pensava.”⁹

Não podemos ser mais claros: é Proudhon quem estabelece a base científica para uma análise crítica do capitalismo. Vindo de Marx, o relatório deve ser medido pelo seu valor real. Além disso, não é Marx quem é o inventor do termo “socialismo científico”, mas Proudhon, em *O que é propriedade?* Ele foi o primeiro a fazer a oposição entre o socialismo científico e o socialismo utópico. O *Sistema de Contradições Econômicas*, empenhado precisamente em dissociar o conhecimento da realidade da aspiração para o futuro, é atravessado por críticas violentas contra as concepções utópicas em matéria social.

Mas os elogios de Marx e Engels em relação a Proudhon cessaram repentinamente em 1846, após a publicação do *Sistema de Contradições Econômicas*. Agora o status de Proudhon regressou ao de um adversário.

É surpreendente ver quão rapidamente Proudhon foi capaz de passar Marx do status de referência do socialismo para o do adversário. Essa mudança não foi realmente estudada, os autores marxistas se atêm ao que Marx diz, sem exame crítico. Marx tinha dois motivos para se ressentir de Proudhon.

- Ele escreveu para Proudhon em 5 de maio de 1846, propondo-lhe criar uma espécie de agência internacional de informação destinada a “assistir e

6 No final de sua vida eu entrevistei Maximilien Rubel na Radio Libertaire, em particular sobre sua idéia de um “Marx teorista do anarquismo”. Ele evitou perguntas e continuou voltando ao fato de que estava muito próximo de Proudhon.

7 *Rheinische Zeitung*, 16 de outubro de 1842.

8 Marx, *La Sainte Famille*.

9 “Proudhon et Marx”, in : *L’actualité de Proudhon*, colloque de novembre 1965, Éditions de l’institut de sociologie, université libre de Bruxelles.

discutir questões científicas e a supervisão de escritos populares”, e “colocar os socialistas alemães em contato com os socialistas franceses e ingleses”. A ideia era boa, mas Marx não foi capaz de evitar que o seu ressentimento pessoal produzisse um post scriptum odioso que revelava a verdadeira intenção do autor da carta: desacreditar Karl Grün.

A resposta de Proudhon é, acima de tudo, uma bela lição de decência e modéstia e decência infligida a Marx. “Por Deus! depois de ter demolido todos os dogmatismos a priori, não pensemos, por sua vez, em doutrinar o povo”. “Façamos uma boa e justa controvérsia; Vamos dar ao mundo o exemplo da tolerância erudita e perspicaz, mas, porque estamos à frente do movimento, não nos tornem os líderes de uma nova religião (...) Acolhamos e encorajemos todos os protestos; deixe-nos murchar todas as exclusões, todas os misticismos; nunca olhe para uma ideia tão esgotada (...) Com essa condição, entrarei com prazer em sua associação, caso contrário, não!”

Essa resposta contundente deixaria traços. Furioso, Marx rompeu com Proudhon; a admiração do discípulo se transforma em um rancor tenaz.

Marx não teve sorte com suas tentativas de correspondência, pois Feuerbach também havia, em outubro de 1843, educadamente recusado uma proposta idêntica.

- A outra razão para culpar Proudhon é a publicação do *Sistema de Contradições Econômicas* (com o subtítulo “Filosofia da Miséria”), ao qual Marx respondeu com um texto raivoso: *Miséria da Filosofia*.

Mas é a *ideologia alemã*, que dá a chave para a lacuna que separa Proudhon e Marx. Neste livro, Marx e Engels explicam seu novo brinquedo, sua concepção materialista da história, que acabam de “descobrir” e que estão ansiosos para colocar em prática: a partir daí, Marx poderá, acredita, explicar os mecanismos do funcionamento do sistema capitalista através do método histórico. Nesse mesmo ano, Proudhon publicou seu *Sistema de Contradições Econômicas* (subtítulo “Filosofia da Miséria”), no qual utiliza o método hipotético-dedutivo, ou seja, nada a ver com “materialismo histórico”, termo que Marx nunca utilizou.

O método hipotético-dedutivo é um método perfeitamente científico: consiste em fazer uma hipótese para deduzir as consequências observáveis e determinar sua validade. Então, a partir daí, colocamos uma nova hipótese, etc. Este método é perfeitamente banal, o gênio de Proudhon foi ter aplicado este método à economia política.

Tanto Marx quanto Proudhon se colocaram a mesma questão: elucidar os mecanismos do funcionamento do sistema capitalista. Mas onde e, acima de tudo, quando começar? Na Antiguidade, na Idade Média, no século XVI... O problema é insolúvel. Então Proudhon decidiu proceder de forma diferente: criou uma construção lógica, uma simulação do sistema capitalista (ele o chamou de “andaime”): ele procedeu por “categorias”. Ele diz: qual é a categoria essencial do capitalismo? É valor. E daí, deduz todas as categorias que contribuem para a explicação do sistema¹⁰.

Marx está furioso, ele ataca violentamente Proudhon, acusa-o de idealismo (dano supremo) por causa do uso que ele faz de “categorias”. Ele publica um ataque histórico contra Proudhon (É um costume com ele), *Miséria da Filosofia*. Então, por mais de dez anos, não publica nada em economia.

Tendo rejeitado o método hipotético-dedutivo e o uso de “categorias”, Marx se viu impotente por quase vinte anos para produzir um trabalho econômico. Esta impotência tem sido notada por autores marxistas, mas

¹⁰ Esta pergunta é desenvolvida em: René Berthier, *Études proudhoniennes*. Volume I. *L'économie politique, Essai*, Éditions du Monde libertaire, 2009.

nenhum deles tem dado uma explicação convincente. Entretanto, essa impotência é facilmente explicada: Marx não tem conhecimento científico. Sua tese de doutorado (em direito, não em filosofia) é sobre a filosofia da natureza, ou seja, a física, mas não há evidências de que ela pudesse ter sido escrita no século XIX. Pelo contrário, a abordagem de Marx ao sistema atômico dos antigos aproxima muito mais seu trabalho da velha escola da Idade Média do que das descobertas contemporâneas, numa época em que os cientistas acabavam de fazer enormes progressos.

Descrevendo os males causados pelo excesso de trabalho, Marx explica em *O Capital* (assim em 1867) que o trabalho contínuo e uniforme enfraquece o desenvolvimento e “a tensão dos espíritos animais” (*die Spann und Schwungkraft der Lebensgeister*). Falar de “espíritos animais” em 1867 é ficar atrás do conhecimento de seu tempo, e é chocante em um trabalho que diz ser científico. De fato, Claude Bernard havia publicado dois anos antes sua *Introdução ao estudo do método experimental*, e catorze anos antes seus *Recherches*, e sabe-se desde então que a energia do corpo funciona graças à combustão do açúcar. Coloca-se assim a questão: o fundador do “socialismo científico” estava imbuído do espírito científico de uma época em que a ciência decolou colossalmente?

Então, de repente, depois de mais de dez anos, Marx descobriu o método certo. Quando ele explica este “novo método”, particularmente no posfácio do *Capital* (1873), o leitor perspicaz notará que este é apenas uma repetição do método utilizado por Proudhon em 1846. Mas como não se deve dizer que ele copiou Proudhon, ele diz que tinha relido “por acaso” a *Ciência da Lógica* de Hegel, e que ele teve uma iluminação. E aqui está uma anedota que vai agradar muito a Besancenot & Löwy: a cópia do livro de Hegel fazia parte de um lote que um dia pertenceu a Bakunin! *Finalmente uma “afinidade”!*

É significativo que quando comparamos o plano do *Sistema de Contradições* e o do *Capital*, publicado vinte anos depois, encontramos estranhas semelhanças.

Mas isto não é o fim. As “convergências” não se detêm na questão do método. Nós também as encontramos no nível dos conceitos. As categorias em que Proudhon baseia, no *Sistema de Contradições Econômicas*, sua “simulação” do sistema capitalista, seu “modelo teórico”, são a mais-valia (que ele chama de “aubaine”), a divisão do trabalho, a mecanização, a concorrência, o monopólio, a queda das taxas de lucro, as crises etc., que são a base de seu “modelo teórico”. Encontramos todos esses conceitos em Marx.

É preciso lembrar que tudo que constitui a forma acabada da teoria econômica do capitalismo ainda não havia sido elaborado por Marx, quando respondeu ao *Sistema de Contradições Econômicas*. Portanto, é totalmente inadequado confrontar a argumentação do Proudhon de 1846 com os desenvolvimentos da teoria do marxismo finalizada em 1867... Na verdade, é apenas dez anos depois da *Miséria da Filosofia* que aparecem na obra de Marx noções fundamentais como a distinção entre capital variável e capital constante; a representação do valor de uma mercadoria como a soma do capital constante, capital variável e mais-valia, etc.

É preciso lembrar de tudo isso que não existe uma partição estanque entre os vários autores que tentaram, em meados do século XIX, constituir uma teoria de emancipação humana.

07-3 Bakunin

As relações entre Bakunin e Marx são complexas. O revolucionário russo tinha uma forte formação filosófica que foi reconhecida por todos os seus contemporâneos. Ele teve como professor em Berlim um discípulo de Hegel. Ele se posicionou bem no estreito círculo dos hegelianos de esquerda da década de 1840¹¹. Lembremos que em 1893, depois de enumerar a Charles Rappoport todas as queixas que ele tinha contra Bakunin, Engels teria concluído: “Mas precisamos respeitá-lo - ele entendeu Hegel.”

As diferenças entre Bakunin e Marx na questão da organização e estratégia do movimento operário são particularmente bem conhecidas: mas as suas divergências são anteriores à adesão de Bakunin à AIT em 1868. Há outro tema de divergência, pelo menos tanto quanto importante, sobre a questão germano-eslava. Para resumir, em 1848-1849, o projeto de Marx e Engels era favorecer a ascensão ao poder da burguesia, que, segundo eles, desenvolveria o capitalismo e alcançaria a unidade alemã. Eles se opunham ferozmente à independência das nações eslavas dominadas pelos alemães. Bakunin estava no centro da ação desde que ele havia participado dos levantes de Praga e Dresden. Sua visão era diferente: ele defendia a aliança de alemães e eslavos para alcançar seus objetivos mútuos.

Quando Bakunin fugiu da Sibéria em 1861, foi para a Inglaterra e encontrou-se com Marx em 3 de Novembro de 1864. Marx, ao saber que Bakunin ficaria na Itália, pediu-lhe que se juntasse à recém-criada Internacional e esperava o seu apoio contra Mazzini. Discípulos deste último tinham participado na fundação da Internacional e isto preocupou obviamente Marx. O russo decidiu não aderir à AIT, tendo nessa altura outros planos.

Marx escreveu a Engels em 4 de Novembro de 1864: “No todo, ele é um dos poucos homens que não encontro, depois de dezesseis anos, para trás, mas sim para a frente”.

Bakunin não tinha muita confiança em Marx, de quem suspeitava ser a fonte das calúnias que tinham circulado sobre ele durante os seus doze anos de cativo. No entanto, Bakunin não recusou o papel que Marx queria que ele desempenhasse, uma vez que lhe escreveu três meses mais tarde para lhe dar conta da sua atividade. Marx escreveu a Engels para informa-lo de que o russo ia preparar “contraminas contra o Sr. Mazzini”.¹²

Marx escreveu três cartas a Bakunin entre novembro de 1864 e fevereiro de 1865, cujos conteúdos são desconhecidos, mas há uma carta de Bakunin datada de 7 de fevereiro de 1865. Esta carta começa com um surpreendente “Carissimo” (meu querido) e termina tão surpreendentemente por um “Carissimo amico” (meu querido amigo) e ... uma proposta para trocar fotos de família – troca que nunca aconteceu.

Quando, em 1867, o Livro I do *Capital* apareceu, Marx enviou uma cópia para Bakunin, na Itália. Este último fez um comentário no *L'Empire knouto-germanique* :

“Há muito tempo já que esta obra deveria ter sido traduzida para o francês, pois nenhuma outra, que eu saiba, contém uma análise tão profunda, tão luminosa, tão científica, tão decisiva e, se assim me posso exprimir, tão implacavelmente desmascaradora, da formação do capital burguês e da exploração sistemática e cruel que este capital continua a exercer sobre o trabalho do

11 Veja: René Berthier, *L'autre Bakounine: Du conservatisme à la révolution démocratique*, 1836-1847, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article79>

12 Carta de Marx para Engels, 11 de abril de 1865.

proletariado. O único defeito desta obra, perfeitamente positivista, por mais que isso desagrade a *La Liberté*, de Bruxelas – positivista no sentido de, fundado sobre um estudo aprofundado dos fatos econômicos, não admitir outra lógica senão a dos fatos –, o seu único defeito, digo eu, é o de ter sido escrita em parte, mas em parte somente, num estilo demasiado metafísico e abstrato, que terá sem dúvida induzido em erro *La Liberté*, de Bruxelas, e que torna a sua leitura difícil e quase inacessível à maior parte dos operários. No entanto, seriam sobretudo os operários quem a deveriam ler. Os burgueses não a lerão nunca, ou, se a lerem, não a quererão compreender, e, se a compreenderem, nunca falarão dela; pois esta obra é, nada mais nada menos, que uma condenação à morte, cientificamente motivada e irrevogavelmente pronunciada, não contra eles como indivíduos, mas contra a sua classe”.¹³

O livro foi entregue a Bakunin por Johann Philipp Becker em setembro de 1867. Bakunin conta:

“O velho comunista Philippe Becker (...) me entregou de Marx o primeiro volume, o único que apareceu até agora, um trabalho excessivamente importante, erudito, profundo, embora muito abstrato, intitulado *Capital*. Nesta ocasião, cometi um grande erro: esqueci de escrever para Marx para agradecê-lo¹⁴.”

As razões para esse esquecimento são fáceis de adivinhar: a atividade transbordante de Bakunin. Marx ficou ressentido, como atesta a carta de sua esposa a Becker, mais tarde publicada pelo *Die Neue Zeit*¹⁵.

“Você tem alguma notícia de Bakunin? Desde que ele é um velho hegeliano, meu marido lhe enviou seu livro, mas ele não deu nenhum sinal de vida. Ele recebeu isso? Nós não podemos confiar nesses russos. Quando eles não se apegam ao ‘Pequeno Pai’ da Rússia, eles se apegam ou são cuidados pelo ‘pequeno pai’ de seus corações, o que equivale à mesma coisa.”

A última observação é uma pérfida alusão ao fato de que Marx estava convencido de que Bakunin estava a ser mantido por Herzen. A sra. Marx esqueceu que ela e o seu grande marido tinham sido constantemente mantidos por Engels...

Bakunin escreveu a Anselmo Lorenzo em 7 de maio de 1872 sobre sua negligência:

“Nesta ocasião, cometi um grande erro. Não me apressei em agradecê-lo e cumprimentá-lo por este trabalho verdadeiramente notável. O velho Philippe Becker, que o conhece há muito tempo depois de saber que eu havia cometido esse lapso, me disse: ‘Como você ainda não escreveu para ele! Bem, Marx nunca vai te perdoar’.”

13 Bakounine, *Œuvres*, Champ libre, VIII, 357. (BAKUNINE, Michel. *Revolução social ou ditadura militar*. Lisboa: Arcádia, 1975.)

14 Bakounine, *Œuvres*, Champ libre, II, 128.

15 1913, p. 228.

E ainda não acabou.

Carlo Cafiero escreveu um “Resumo” do *Capital*¹⁶. Cafiero tinha estado próximo de Engels, mas indignado com os procedimentos burocráticos deste último, passou então para o bakuninismo. Não obstante, comprometeu-se a escrever o “Resumo” para compensar o defeito do livro sublinhado por Bakunin, e a tornar acessíveis num pequeno livrinho as principais ideias desenvolvidas por Marx. Assim, o livro de Marx foi desde o início considerado pelo próprio Bakunin e pelas suas relações próximas como uma aquisição teórica indiscutível, um trabalho insubstituível de explicação dos mecanismos da sociedade capitalista. James Guillaume, que não podemos suspeitar de simpatia por Marx, escreveu o prefácio ao livro: “Bakunin e Cafiero tinham o coração demasiado alto para permitir que as queixas pessoais influenciassem as suas mentes na região serena das ideias”, escreveu¹⁷.

Estes são alguns pontos de convergência mais importantes que Besancenot & Löwy poderiam ter salientado.

Bakunin criticou frequentemente Marx; as suas críticas centraram-se na estratégia política, mas também nos fundamentos teóricos da doutrina marxista. No entanto, um olhar mais atento revela que as análises dos dois homens sobre questões políticas são frequentemente as mesmas, o que não é surpreendente, tendo em conta os seus antecedentes intelectuais quase idênticos. O que é diferente são as conclusões a que chegam. Do mesmo modo, as reservas de Bakunin no domínio da teoria não são tanto para negar a validade das posições de Marx, mas para apontar as suas insuficiências.

Por exemplo, Bakunin desafiou a teoria marxista da sucessão de fases históricas, que é apenas uma retomada de Saint-Simon e, em menor escala, de Hegel. Os marxistas, diz ele, nos acusam de “não reconhecer a lei positiva das evoluções sucessivas”¹⁸. Não que o revolucionário russo tenha negado a validade desta teoria: apenas contestou o seu carácter universal e afirmou que ela não se aplicava ao mundo eslavo; apenas reconheceu a sua validade para a Europa Ocidental. Curiosamente, Marx acabou por concordar com Bakunin em pelo menos duas ocasiões:

◆ Em 1877, ele escreveu a um correspondente russo, Mikhailovski, que era um erro transformar seu “esboço da gênese do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica da marcha geral imposta inevitavelmente a todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas em que se encontrem”.¹⁹

◆ Em 1881, ele escreve a Vera Zassoulitch que a “fatalidade histórica” da gênese da produção capitalista é “expressamente restrita aos países da Europa Ocidental”²⁰.

Estas duas observações feitas por Marx, na sua correspondência, são geralmente ignoradas, mas dão toda a credibilidade às reservas de Bakunin. Tudo o que se pode esperar da ciência histórica, diz este, é que nos mostra “as causas gerais da maioria dos sofrimentos individuais”, bem como as “condições gerais para a verdadeira emancipação dos indivíduos que vivem

16 Éditions du Chien rouge.

17 Para que conste, Bakunin até mesmo se comprometeu a traduzir O Capital para o russo, um projeto que acabou não tendo sucesso. Marx reprovou-o por embolsar o dinheiro da editora

18 Bakounine, *Écrit contre Marx*, Œuvres, Champ libre, III, p. 16.

19 Marx, Œuvres, Pléiade III, 1555.

20 Marx, Œuvres, Pléiade, II, 1559.

em sociedade”. É essa, acrescenta, a sua missão e os seus limites. “Para além destes limites começam as reivindicações doutrinárias e governamentais dos seus representantes de patentes, seus sacerdotes.”²¹

A mudança de perspectiva de Marx é sem dúvida a consequência da sua leitura atenta do *Estatismo e Anarquia* de Bakunin. Até então, ele era movido por uma eslavofobia frenética ²² : lembramo-nos que em 1848 ele e Engels se opunham à independência das nações eslavas da Europa Central, porque para eles a sua germanização era a melhor coisa que lhes podia acontecer. Quanto à Rússia, foi na origem de todas as intrigas que impediram a democratização da Alemanha e a sua unificação - apesar do facto de os alemães serem perfeitamente capazes, por si mesmos, de impedir a democratização e a unificação da sua nação²³..

Estatismo e Anarquia foi publicado em 1873 e continha, em particular, amplos desenvolvimentos sobre a situação social da Rússia, sobre sua dissolução interna e sobre as perspectivas de evolução do movimento revolucionário. Marx leu o livro, e as anotações e comentários que escreveu à margem do texto de Bakunin são os únicos - e de fato muito superficiais - elementos de refutação teórica das ideias do anarquista, enquanto até então ele se tinha limitado a invectivas, insultos e difamações. A partir dessa data, porém, a abordagem de Marx e Engels em relação à Rússia mudou consideravelmente. Bakunin lembra-lhes constantemente que, ao lado do Governo russo, existe um povo russo. Os textos nos quais Engels está interessado na situação social da Rússia vêm após a publicação do livro de Bakunin²⁴. As cartas de Marx a Mikhailovsky datam de 1877, as de Vera Zassulich de 1881.

Outro ponto: a questão do primazia das determinações econômicas na história²⁵. Bakunin adere plenamente a esta teoria, mas ainda assim expressa reservas: Marx não estaria consciente de um fato importante: se as representações humanas, sejam coletivas ou individuais, são apenas o produto de fatos reais (“tanto materiais quanto sociais”), elas acabam influenciando por sua vez “as relações dos homens na sociedade” (*Deus e o Estado*.) Fatos políticos e ideológicos, uma vez dados, podem, por sua vez, ser “causas que produzem efeitos”.

Assim, é menos o “materialismo histórico” - um termo desconhecido durante a vida de Bakunin e que Marx não utilizou - que é contestado do que a estreiteza de pontos de vista com a qual ele parece aplicá-lo. Sobre

21 Bakounine, *L'Empire knouto-germanique*.

22 Nos artigos da *Neue Rheinische Zeitung* publicados – sob a direção de Marx, deve ser lembrado – os tchecos eram chamados de “cães abjetos”, “cães tchecos”; os eslavos em geral eram descritos como “bestas eslavas” aflitas com “idiotice animal”, etc. O próprio Marx chamou os eslavos de “malandros”. (Citado por Miklos Molnar, *Marx, Engels et la politique internationale*, Idées, p. 79.)

23 A reivindicação dos eslavos boêmios (República Tcheca e Eslováquia) a seus “chamados direitos” (Engels) à independência foi contestada porque um Estado independente na Boêmia-Morávia cortaria as saídas naturais da Áustria para o Mediterrâneo; a Alemanha oriental seria “dilacerada como um pão tem sido comido por ratos”. “Tudo isso para agradecer aos alemães por se darem ao trabalho de civilizar os obstinados tchecos e eslovacos”... (Engels, “Le panslavisme démocratique”, in *Les marxistes et la question nationale*, Maspero.)

Sobre Marx e Engels durante a revolução de 1848, e sobre a questão eslava, ver : René Berthier, *Allemagne et question slave*, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article170>

24 “Les problèmes sociaux de la Russie” (1875) ; “Les éléments d’un 1789 russe” (1877) ; “La situation en Russie” (1878), etc.

25 Veja: René Berthier, “La prééminence du fait économique”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article329>

este ponto novamente, Marx e Engels concordam com o Bakunin. Em uma carta a Joseph Bloch de 21 de setembro de 1890, ou seja, muito depois da morte de Bakunin, Engels escreve: “Segundo a concepção materialista da história, o fator determinante na história é, em última instância, a produção e reprodução da vida real” [ênfase acrescentada]. Engels dá assim à “economia” uma definição extremamente ampla. “Nem Marx nem eu jamais dissemos mais. Se alguém então tortura esta proposta para dizer que o fator econômico é o único determinante, ele a transforma em uma frase vazia, abstrata e absurda.” Engels continua:

“É a Marx e eu, em parte, que deve se culpar pelo fato de que, às vezes, os jovens dão mais peso do que é devido ao lado econômico. Em face de nossos adversários, tivemos que enfatizar o princípio essencial negado por eles, e então nem sempre achamos o tempo, o lugar ou a oportunidade de dar o seu lugar aos outros fatores que participam da interação.”²⁶

Esse foi um reconhecimento total das reservas de Bakunin sobre a teoria marxista. Mas esse reconhecimento limitou-se à correspondência de Marx e Engels. O “marxismo”, tal como o conhecemos, reconstruído pela socialdemocracia alemã e depois por Lenin, já estava em vigor.

Vamos terminar este capítulo sobre Bakunin citando um trecho de um de seus textos intitulado *Relações pessoais com Marx*, no qual ele dá sua opinião sobre o último:

“Marx é um homem de muito grande inteligência e, além disso, um estudioso no sentido mais amplo e sério da palavra. Ele é um profundo economista (...) Então Marx é apaixonadamente dedicado à causa do proletariado. Ninguém tem o direito de duvidar; pois ele o serve há quase trinta anos com uma perseverança e fidelidade infalíveis. Ele dedicou toda sua vida a esta causa. (...) Marx ama o proletariado, por isso ele odeia os burgueses. Não se pode servir apaixonadamente uma causa durante trinta anos seguidos sem a amar, e é preciso ter o preconceito feio da calúnia para ousar negar o amor de Marx pela causa do proletariado.

Vamos finalmente acrescentar a todos esses grandes e inquestionáveis méritos, o de ter sido o iniciador e a principal inspiração para a fundação da Internacional.”²⁷

Esta última afirmação é falsa porque Marx não participou da fundação da Internacional.

É verdade que essa passagem louvável, mas perfeitamente sincera, é seguida por uma lista de críticas, na qual Bakunin trata Marx como “Papa da Internacional”. Mas provavelmente foi para responder a Marx que o chamara de “Maomé sem Alcorão” ...

A relativização de Bakunin do marxismo é intolerável para muitos comunistas, precisamente porque coloca o marxismo na corrente de ideias da época, como uma explicação do social, entre outras. Ela remove o caráter quase religioso que tinha na mente de muitos comunistas para lhe devolver

²⁶ Lettre à J. Bloch, 21 septembre 1890.

²⁷ Bakounine, “*Rapports personnels avec Marx*”, in *Œuvres*, II, Paris, Champ Libre, 1974, pp. 119-130.

seu status de hipótese científica, ou seja, uma hipótese que pode ser refutada, modificada e completada. O marxismo é reduzido ao que nunca deveria ter deixado de ser: não a ciência absoluta do social e da revolução, mas uma teoria, uma “grelha de leitura” entre outras.

07-4 O “marxismo libertário”

O marxismo e o anarquismo não são duas correntes que se desenvolveram em compartimentos impermeáveis. É verdade que eles se desenvolveram separadamente, mas o fizeram conjuntamente a partir de preocupações idênticas e com conclusões diferentes.

Isso não diminui suas oposições, é claro, mas a recusa em considerar sua gênese a partir de condições idênticas impede-nos de perceber os pontos sobre os quais eles se encontram e, em retorno, não nos permite compreender suas diferenças em seu verdadeiro escopo e perspectiva. Tal percepção dos pontos de convergência leva muitos anarquistas a rejeitarem o marxismo, que não é mais baseado em conhecimento ou razão, mas em atitudes religiosas e místicas. Além disso, tal percepção das oposições leva a tentar sínteses ecléticas e perfeitamente inúteis do tipo “marxismo libertário”.

As manifestações mais caricaturais dessas interações podem ser encontradas nas tentativas feitas por alguns anarquistas de constituir um “marxismo libertário”, ou por alguns marxistas para se convencerem de que Marx era “anarquista”. Tal atitude decorre da observação, feita por cada uma das partes envolvidas, de deficiências teóricas supostas ou reais de sua corrente.

Daniel Guérin

A expressão “marxismo libertário” foi cunhada por Daniel Guérin no final de sua vida. De formação marxista, ele se juntou à SFIO e, em seguida, ao PSOP. Ele foi tentado por um momento pelo trotskismo. Ele deu uma olhada crítica nos movimentos e ativistas que reivindicavam o marxismo. Ele achava que vários conceitos libertários deveriam ser reintroduzidos no corpo da ideologia socialista a fim de evitar os erros da socialdemocracia ou do stalinismo. Na maioria das questões entre marxismo e anarquismo: centralismo ou federalismo, parlamentarismo ou ação social direta, ditadura do proletariado ou democracia direta, Guerin deu razão ao anarquismo e, em particular, a Bakunin.

O marxismo libertário de Guerin foi uma tentativa de introduzir conceitos anarquistas na doutrina marxista. A ideia, no entanto, seduziu certos anarquistas que, por sua vez, tentaram introduzir conceitos marxistas no anarquismo. Hoje, muitos ativistas do comunismo, conscientes da desvalorização do marxismo, mas especialmente das deficiências conceituais do marxismo para explicar a sociedade de hoje, descobrem Proudhon e Bakunin. Falar de síntese entre os dois movimentos parece-me, no entanto, fortemente exagerado.

A tentativa de “revisar” a doutrina anarquista, depois de Guérin, pelos promotores de um “marxismo libertário” foi o resultado de uma descoberta de que o anarquismo tinha uma série de falhas doutrinárias que tinham de ser preenchidas por elementos do marxismo. Essas “lacunas doutrinárias” estavam em um campo no qual os marxistas se sentem confortáveis, o da teoria pura, em que muito se fala de “método” em particular. Houve um

tempo na França quando alguns libertários, influenciados pela ideia de “marxismo libertário” desenvolvido por Guérin, criticaram o anarquismo por suas deficiências em termos de “método de análise”. “Método de análise”, “dialética”, “materialismo histórico” e até mesmo “ditadura do proletariado” voltavam constantemente em suas palavras. Essa atitude veio de uma profunda incompreensão tanto do marxismo quanto do pensamento dos principais teóricos anarquistas. A consequência imediata foi que esses militantes começaram a imitar os trotskistas, ao ponto de se tornarem indistinguíveis uns dos outros.

Naquela época, fomos confrontados com dois extremos: um anti-marxismo visceral e irracional entre alguns anarquistas (que tendiam a não conhecer Marx e os autores marxistas), e um “filomarxismo” um tanto irracional também entre outros anarquistas que ignoravam as obras dos grandes pensadores anarquistas.

Esta falta de conhecimento se deveu ao fato de que o movimento libertário foi durante muito tempo incapaz de publicar seus próprios autores em edições anotadas a preços acessíveis para bolsas modestas. Durante muito tempo, para ler Proudhon era preciso comprar as primeiras edições caras, e para ler Bakunin era preciso comprar os grandes volumes publicados pelo Instituto Internacional de Amsterdã.

Há ainda uma obra monumental do pensamento anarquista que é tanto mais inacessível quanto poucos militantes sequer suspeitam de sua existência: o *Tratado Geral de Economia*, de Christian Cornelissen²⁸, em seis volumes, escrito entre 1913 e 1944. Este trabalho é uma “refutação das teorias de Rodbertus, Karl Marx, Stanley Jevons e Boehm-Bawerk”. Não há dúvida de que a disseminação dessas 2.500 páginas de economia política anarquista provocaria debates interessantes.

Maximilien Rubel

Rubel é o autor de um estudo intitulado “Marx, teórico do anarquismo”, no qual ele tenta mostrar que o autor do *Capital* foi um ... teórico do anarquismo²⁹. É uma tarefa que apresenta um dificuldade metodológica. O método mais simples teria sido examinar toda a obra de Marx e apontar passagens que pudessem indicar sua adesão ao anarquismo. Isto não é o que Rubel faz, e por boas razões, porque rapidamente percebe-se que não há muito em Marx em apoio a esta tese.

A outra abordagem, escolhida por Rubel, é afirmar que Marx estava preparando um livro sobre o estado que o teria impulsionado até o topo dos escritores anarquistas. Esta abordagem tem a desvantagem de evacuar... “o anarquismo real”, isto é, o pensamento e a ação daqueles que até o momento podemos considerar anarquistas – ao qual Marx se opôs longamente. Marx,

²⁸ Veja: tome I, *Théorie de la Valeur*, 1926, <http://monde-nouveau.net/spip.php?rubrique40>.

Édité chez Giard, coll. Bibliothèque internationale d'économie politique, Paris, 1926-1933, 4 tomes :

1. *Théorie de la valeur. Réfutation des théories de Rodbertus, Karl Marx, Stanley Jevons et Boehm-Bawerk, Schleicher Frères*, coll. Bibliothèque d'histoire et de sociologie, Paris, 1903, XVIII-413 p. [CCFR, IIHS] ; rééd. (2^e éd., entièrement revue, 1926) ;

2. *Théorie du salaire et du travail salarié* (2^e éd. entièrement revue, 1933, 724 p.) [IIHS] ;

3. *Théorie du capital et du profit* (2 vol.), 1926, 466 p. et 662 p. [IIHS] ;

4. *Théorie de la rente foncière et du prix des terres*, 1930, 380 p. [CCFR, IIHS].

5. *Théorie de l'intérêt et de la banque*, Lib. générale de droit et de jurisprudence

²⁹ Veja: “L'anarchisme dans le miroir de Maximilien Rubel”, [monde-nouveau.net](http://monde-nouveau.net/spip.php?article260), <http://monde-nouveau.net/spip.php?article260>

no entanto, foi longamente determinado contra eles, principalmente Bakunin; ele forneceu críticas ao anarquismo que foram retomadas sem qualquer modificação por seus seguidores. Há, portanto, uma aparente contradição no fato de Marx ter sido atribuído o status de “anarquista”, tendo lutado constantemente contra os anarquistas.

Para examinar a relevância da tese de Rubel, seria bom ver em que consiste o anarquismo, de acordo com ele. E então vemos que Rubel frequentemente abandona o campo do pesquisador em favor do partidário, especialmente quando se trata das relações entre Bakunin e Marx. Isto é especialmente verdadeiro no artigo de Rubel sobre *Estatismo e Anarquia* no *Dicionário de Obras Políticas*. Dedicado em princípio à análise de uma obra de Bakunin, logo se torna claro que este é um estudo dedicado a Marx e seu suposto projeto de livro sobre o Estado.

Rubel ignora completamente os muitos pontos de junção entre os dois homens; ele está muito determinado para apontar as diferenças, e as apresenta de tal maneira que elas só podem encorajar o leitor a aceitar a ideia da superioridade incomparável de Marx em todos os campos. No entanto, a constatação dos muitos pontos de junção poderia servir ao propósito de Maximilien Rubel, que poderia ter, além do nível anedótico usual do debate nos termos em que se realiza, encontrar um ponto de apoio significativo nos seus pressupostos. Mas agora, teria sido necessário “compartilhar” ...

Segundo Rubel, Marx foi, portanto, o primeiro a “estabelecer os fundamentos racionais da utopia anarquista e definir um projeto de realização”. Esta afirmação de Rubel implica sem ambiguidade que os autores contemporâneos de Marx, como Proudhon, Bakunin, tradicionalmente identificados como anarquistas, são excluídos do estatuto de teóricos de pleno direito.

A tese de Rubel é baseada no conteúdo hipotético de um livro que Marx não escreveu, mas que ele estava planejando: “O Livro sobre o Estado previsto no plano da *Economia*, mas não escrito, só poderia conter a teoria da sociedade liberada do Estado, a sociedade anarquista”³⁰. Este livro não escrito só poderia conter, etc., o que é uma maneira de dizer que Maximilian Rubel não sabe nada sobre isso, mas que ele supõe. Mas Maximilian Rubel tem muito pouco a produzir, pois reconhece que o caminho anarquista seguido por Marx está *implícito*, isto é, não formulado.

Se o verdadeiro marxismo não seguiu este caminho anarquista *implícito* (*dixit* Rubel) no pensamento de Marx, é porque “discípulos inescrupulosos invocaram certas atitudes do mestre para colocar seu trabalho a serviço de doutrinas e ações que representam sua total negação”. O “socialismo realizado”, nas palavras de Maximilian Rubel, é uma distorção do pensamento de Marx, que tinha “certas atitudes pessoais” que aparentemente são questionáveis, e não nos são fornecidos os detalhes dessas atitudes, mas que incitaram “discípulos inescrupulosos” a colocar seu obra “a serviço de doutrinas e ações que representam a negação total das mesmas”. Marx, aprendemos, “nem sempre procurou em sua atividade política harmonizar os fins e os meios do comunismo anarquista. Mas por ter às vezes falhado como militante, Marx não deixou de ser o teórico do anarquismo.”

Estas palavras são muito obscuras para quem não conhece os detalhes da exclusão, organizada por Marx e Engels, de quase todo o movimento operário organizado da Associação Internacional dos Trabalhadores. Há, no

30 M. Rubel, “Marx théoricien de l’anarchisme”, in *Marx critique du marxisme*, Payot, p. 45.

entanto, uma leve dica de uma consciência pesada. O leitor mal informado pode adivinhar que Marx fez algo repreensível, mas isto não deve ser muito sério, pois não afeta a validade normativa de seus ensinamentos.

Parece, então, que o destino do “socialismo realizado”, o eufemismo para o stalinismo e todas as variantes do comunismo que o sucederam, está ligado a alguns discípulos inescrupulosos que não entenderam o caminho anarquista implícito contido no pensamento de Marx. Em termos de materialismo histórico, tal abordagem do problema é chamada de idealismo. Maximilian Rubel aplica à história do marxismo o método que o marxismo combate. O anarquismo, por sua vez, teria sofrido menos com a perversão da aplicação concreta porque, “não tendo criado uma verdadeira teoria da práxis revolucionária, ele sabia como se proteger da corrupção política e ideológica”³¹.

O que dá a Marx a qualidade de “mais consistente teórico do anarquismo”, escreve Maximilian Rubel, é que “o advento da comunidade libertada da exploração econômica, política e ideológica do homem pelo homem não é concebido em termos de comportamento individual, moralmente exemplar, mas da ação reformadora e revolucionária da 'imensa maioria' constituída pela classe social e pelos partidos político”³². Por outro lado, o verdadeiro anarquismo (o de Rubel), parece limitar-se ao “único gesto individual de revolta”³³.

Assim, seções inteiras da história do movimento trabalhista internacional são evacuadas. Rubel é de extrema má fé e deve ser de extrema ignorância. Limitar o anarquismo a atos individuais de revolta obscurece algumas páginas-chave da história do movimento operário internacional, que certamente não são muito tratadas nos trabalhos que estão em consonância com a ortodoxia elaborada por aqueles “discípulos inescrupulosos” de Marx evocados por Rubel. Centenas de milhares de anarcos indicialistas e anarquistas foram mortos entre as duas guerras e em todos os continentes: eles não foram movidos pelo único gesto individual de revolta e não tinham consciência de que não tinham criado uma verdadeira teoria de práxis revolucionária.

Graças a Marx, o anarquismo foi enriquecido “com uma nova dimensão, a da compreensão dialética do movimento operário como autolibertação ética que abraça toda a humanidade” (exceto talvez as “nações reacionárias” observadas por Engels). Não vou me deter em tentar entender o que é “compreensão dialética do movimento trabalhista”, nem o que é “autolibertação ética que abraça toda a humanidade”. Um exame atento do trabalho de Marx mostra que as referências explícitas à sociedade sem Estado continuam extremamente limitadas para um autor que supostamente está lançando as “bases racionais da utopia anarquista”³⁴. Em mais de 6.000 páginas das edições da Pleiade há 7 referências diretas à abolição do Estado (incluindo uma de Engels, na verdade), em termos vagos, que constituem um material muito superficial para se concluir que Marx é um “teórico do anarquismo”.

O documento que poderia apoiar mais convincentemente a tese de um Marx anarquista é o *Endereço sobre a Guerra Civil na França* escrito em nome do Conselho Geral da AIT após a Comuna de Paris, e que constitui um ponto importante de discórdia entre marxistas e anarquistas. É, de

31 M. Rubel, “Marx théoricien de l’anarchisme” in *Marx critique du marxism*, p. 49.

32 Marx, *Œuvres*, La Pléiade, vol. III, note de Rubel, p. 1735.

33 M. Rubel, *Marx critique du marxisme*, postface, p. 430.

34 Para uma visão mais completa da questão, veja : monde-nouveau.net, “Références explicites à la société sans État”. – <http://monde-nouveau.net/spip.php?article330> [Referências explícitas ao sociedade sem Estado]

acordo com Maximilian Rubel, um “texto que passará aos olhos de Bakunin como uma rejeição das convicções ‘estatistas-autoritárias’” de Marx³⁵. Bakunin dirá de fato que este é uma “caricatura bufão” do pensamento de Marx.

Se uma política é julgada por sua finalidade, ela também é julgada pelos meios que utiliza para atingir essa finalidade. Quando Maximilien Rubel faz do “sufrágio universal, ontem ainda um instrumento de engano, amanhã um meio de emancipação”, ele se afasta completamente dos quadros de referência do anarquismo. Da mesma forma, o anarquismo não reconhece nenhuma validade normativa às piruetas dialéticas afirmando que “o proletariado só se aliena politicamente para triunfar sobre a política e só conquista o poder estatal para usá-lo contra a minoria anteriormente dominante”. “A conquista do poder político é um ato ‘burguês’ por natureza”, acrescenta Rubel, mas que “só se torna uma ação proletária devido ao propósito revolucionário que lhe foi conferido pelos autores desta convulsão”.³⁶

Pode-se pensar que, se a conquista do poder político é um ato burguês por natureza, nenhuma finalidade revolucionária pode transformá-lo em “ação proletária”. Pelo contrário, a “ação proletária” será transformada em “ação burguesa”. Maximilian Rubel é um péssimo dialetista.

Defender que a classe trabalhadora “assuma o projeto dialético de uma negação criativa” e assuma “o risco de alienação política para tornar a política supérflua” não se encaixa em um projeto anarquista. Para Bakunin, a única negação criativa é a destruição do Estado e sua substituição pelas estruturas de classe do proletariado. Engajar-se – voluntariamente, além disso – num processo de “auto-alienação” não pareceria a Bakunin a melhor maneira de conseguir a autolibertação.

O Estado não só garante os privilégios da classe dominante, é um instrumento de criação permanente de privilégios e, nesse sentido, cria a classe dominante: não há classes sem Estado, diz Bakunin.

Rubel se surpreendeu com os epígonos de Marx por estes não entenderem que este último era “anarquista”, apesar das poucas passagens em que ele se revelaria como tal, e apesar de uma prática política totalmente anti-anarquista: “Como ideologia política, o marxismo dos epígonos se alimentará desta ambiguidade que a ausência de um “Livro” sobre o Estado facilitará³⁷.”

A peça central do argumento de Rubel sobre a ideia de um “Marx como teórico do anarquismo” é encontrada neste livro sobre o Estado que Marx tinha em mente. Permanecendo não escrito, este livro, recordemos, “só poderia conter a teoria da sociedade liberada do Estado, a sociedade anarquista”³⁸. Surpreendentemente, Rubel reconhece que “a crítica do Estado cuja exclusividade se reservava para si mesmo” (sic) nem sequer recebeu um começo de execução, a menos que retenhamos as obras dispersas, especialmente as históricas, nas quais Marx lançou as bases de uma teoria da anarquia”³⁹.

Assim, apesar de uma estratégia política, de uma práxis que o próprio Maximilian Rubel diz ser contrária aos princípios declarados, Marx teria escrito, se tivesse tido tempo, uma teoria anarquista do Estado e sua abolição. Os herdeiros de Marx “alimentaram-se” desta ambiguidade,

³⁵ *Dictionnaire des œuvres politiques*, Presses universitaires de France, p. 56.

³⁶ M. Rubel, *Marx critique du marxisme*, Payot, p. 55.

³⁷ Marx, *Œuvres*, La Pléiade, III, note de Rubel, p. 1588.

³⁸ M. Rubel, *Marx critique du marxisme*, Payot, p. 45.

³⁹ M. Rubel, “Plan et Méthode de l’Économie”, *Marx critique du marxisme*, p. 378.

causada precisamente pela ausência do livro sobre o Estado. Em outras palavras, Rubel parece acreditar que, se Marx tivesse tido a oportunidade de escrever este Livro, sua obra não estaria sujeita a esta ambiguidade (que Rubel aponta repetidamente); e sua qualidade anarquista teria sido exposta, e com ela, provavelmente, o destino do movimento operário internacional teria sido diferente. Uma posição idealista, se houvesse uma.

A chave para o problema do destino do marxismo – e sua desnaturação – estaria, portanto, neste *livro não escrito*, cuja ausência conduziu o marxismo ao horror concentracionário. Para dar à obra de Marx seu verdadeiro significado anarquista, devemos portanto partir do que existe (isto é, não muito), das “obras dispersas”, das quais Maximilian Rubel propõe fazer-se exegeta.

Os anarquistas poderiam legitimamente perguntar a Maximilian Rubel se não há uma grande contradição para reafirmar o postulado do materialismo histórico, que funda a superioridade incomparável do marxismo sobre o anarquismo, e então explicar o desvio da obra de Marx pela mera ausência de um livro que ele não escreveu.

Com efeito, se nos ativermos aos postulados do materialismo histórico, a publicação do livro sobre o Estado não teria mudado muito; os “epígonos”, representantes das forças sociais que de qualquer forma se teriam desenvolvido, teriam tirado de Marx (ou de outro lugar) o que precisariam para justificar suas políticas e teriam deixado o resto. No entanto, foi ainda está na obra de Marx - considerável, mesmo sem o Livro sobre o Estado - que as deformações burocráticas e totalitárias do movimento operário encontraram seu fundamento teórico.

Se Marx tivesse sido um “anarquista”, ele teria escrito seu livro sobre o Estado. Poderíamos acrescentar, mais trivialmente: se Marx tivesse sido um teórico do anarquismo, nós saberíamos...

Table des matières

<u>7. - Convergências entre marxismo e anarquismo.....</u>	<u>1</u>
<u>07-1 Stirner.....</u>	<u>1</u>
<u>07-2 Proudhon.....</u>	<u>3</u>
<u>07-3 Bakunin.....</u>	<u>7</u>
<u>07-4 O “marxismo libertário”.....</u>	<u>12</u>
<u> Daniel Guérin.....</u>	<u>12</u>
<u> Maximilien Rubel.....</u>	<u>14</u>